

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GUILHERME FERREIRA SAUER

CLARENCE AYRES: TEORIA INSTRUMENTALISTA DO VALOR E CRITICAS

CURITIBA

2016

GUILHERME FERREIRA SAUER

CLARENCE AYRES: TEORIA INSTRUMENTALISTA DO VALOR E CRITICAS

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. José Felipe Araújo De Almeida

CURITIBA

2016

SUMÁRIO

Resumo	3
1 Introdução.....	3
2 Valor, instrumentalismo e tecnologia	5
3 Críticas e contrapontos.....	10
4 Crítica de Ayres ao mainstream econômico neoclássico.....	14
5 Considerações finais	19
6 Referências	20

CLARENCE AYRES: TEORIA INSTRUMENTALISTA DO VALOR E CRITICAS

Guilherme Ferreira Sauer

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo tratar dos escritos de Clarence Ayres, renomado economista americano institucionalista da metade do século XX. O trabalho irá abordar sua teoria instrumental/tecnológica do valor, passando por comentários sobre o instrumentalismo e pela sua dicotomia entre tecnologia e cerimonialismo. Ainda sobre esta dicotomia e teoria de valor, será abordado críticas e releituras de seus escritos, como pontos onde o autor possa ter negligenciado os fatores externos a tecnologia como geradora principal de valor e outros assuntos. Ao final, será abordada uma crítica de Ayres sobre a teoria mainstream vigente de seu tempo, a teoria neoclássica, baseando-se em no mercado, na teoria comportamental por trás da teoria neoclássica e sua definição de valor.

Palavras Chave: Institucionalismo. Cerimonialismo. Teoria instrumental/tecnológica do valor. Tecnologia. Crítica. Clarence Ayres. Instrumentalismo.

1 INTRODUÇÃO

Clarence Ayres (6 de Maio de 1891 – 24 de Julho de 1972) foi um renomado economista norte-americano da primeira metade do século XX. Filósofo, estudioso teórico e um dos primeiros disseminadores da corrente institucionalista na economia, sua obra é responsável por influenciar uma significativa base de economistas. Seus estudos pioneiros na área institucionalista e sobre os escritos de Thorstein Veblen, seu combate as ideias convencionais-*mainstream* do pensamento econômico pós_segunda guerra e seu cuidado em construir uma teoria econômica cabível a todos os institucionalistas são pontos marcantes de sua trajetória. Assim como

esperado, críticas, contrapontos e complementos de diversas vertentes econômicas são de toda maneira encontrados ao longo de sua obra. De todas as formas, Ayres é sobretudo tido como um dos mais renomados economistas institucionalistas de sua época.

Em primeiro lugar, para se entender melhor as engrenagens que movimentavam os pensamentos de Clarence Ayres, faz-se importante ressaltar quais foram as bases que constituíram e formaram seu raciocínio acadêmico. Assim, se torna importante então enfatizar que a primeira parte da vida acadêmica de Ayres foi dedicada aos estudos da filosofia. Seus títulos de graduação, mestrado e doutorado foram nesta área, assim como seus primeiros escritos publicados e suas primeiras aulas lecionadas. O interesse na economia e seu funcionamento se manifestaram após o término de seus estudos de doutorado, no período passado na Universidade de Amherst, onde lecionava filosofia.

Assim, com as bases consolidadas na filosofia, encontra-se em Ayres um desenvolvimento teórico de ideias, raciocínios e aplicações em busca da natureza e origem da economia. Ao longo de seus estudos, nota-se uma clareza de seu raciocínio com relação a necessidade e importância de testes empíricos na economia, mas é inegável a direção racionalista de sua obra. Em uma passagem de seu livro "The theory of Economic Progress", Ayres comenta sobre uma básica distinção entre princípios e problemas (AYRES, 1996, p.37). Trazendo esta distinção para o mundo dos economistas, é a diferença daquele primeiro grupo de estudiosos interessados nos números, nas séries históricas do mundo que nos cerca, para aquele segundo grupo interessado no sentido da economia. Para o autor, estes dois grupos pouco se relacionam, com a peculiaridade de que é o segundo grupo que deveria dar rumos ao primeiro – são os princípios que ditam como se prostrar diante de um problema, e não ao contrário. (AYRES, 1996, p38). Esta afirmação ressalta a importância do método racionalista/filosófico no pensamento de Ayres.

Dito isto, esta monografia busca apresentar algumas das principais contribuições de Clarence Ayres para teoria econômica. Na primeira seção, será apresentada o arcabouço da teoria de Ayres sobre geração de valor pelo instrumentalismo tecnológico. A seção irá conter comentários sobre o instrumentalismo e uma explanação sobre a geração de valor instrumental/tecnológico, com sua contrapartida cerimonialista. A segunda sessão será centrada em críticas e complementos feitos a teoria apresentada na primeira

seção. A terceira e última sessão é composta por críticas de Ayres ao mainstream econômico de sua época, relativo principalmente a teoria neoclássica vigente no começo e metade do século XX.

2 VALOR, INSTRUMENTALISMO E TECNOLOGIA

O objetivo central deste capítulo é apresentar as principais ideias de Ayres relativas ao valor, tanto pelos seus escritos quanto pela visão de autores que estudaram sua teorias e proposições. O estudo será focado primeiramente pelo instrumentalismo, filosofia do conhecimento utilizada pelo autor adaptada dos conhecimentos de Dewey, passando pelos conceitos de tecnologia, influenciada em grande parte pelos trabalhos de Veblen. Após esta apresentação, será mostrado como Ayres define a criação de valor pela tecnologia. Seguinte a isto, será apresentado os conceitos de valor cerimonialista, o contraponto da geração de valor pela tecnologia na teoria Ayresiana. Ao final, espera-se ser apresentada com clareza a dicotomia entre valor instrumental/tecnológico e cerimonialismo.

O primeiro ponto a ser abordado é a origem da teoria instrumental/tecnológica do valor de Ayres, e isto passa por definir suas bases instrumentais. Instrumentalismo é uma teoria de conhecimento, uma filosofia de história econômica. Filosofias de história econômica como o instrumentalismo são metodologias utilizadas para interpretar os fatos históricos passados com o intuito de melhorar o controle das decisões econômicas do futuro e aumentar o bem estar da sociedade. A credibilidade de uma análise historiográfica econômica é diretamente proporcional a qualidade da filosofia de história econômica utilizada. (HILL E OWEN, 1984, p581-582).

Instrumentalismo teve suas bases definidas por William James e John Dewey, baseadas no pragmatismo, originado pelos escritos de Charles Peirce. É caracterizado pela sua incessante busca pela verdade e seu foco de seu uso para a resolução de problemas reais. Pela visão de James, o instrumentalismo é movido pela investigação da natureza da verdade em todos os ambientes e possui dois atributos essenciais: verificabilidade (qualidade da verdade que pode ser comprovada pelo mundo real) e utilidade (qualidade da verdade que pode ser utilizada na solução de problemas do mundo real). Para Dewey, a verdade é também um instrumento para ser usado na solução de problemas; isto é, além de

útil, uma verdade deve providenciar elementos para um melhor controle do ambiente no futuro (HILL E OWEN, 1984, p582-583).

Segundo Hill e Owen (1984), Dewey possuía uma visão histórica da teoria instrumental do valor – seus estudos objetivavam a verificabilidade instrumental do valor ao longo do tempo. Desta forma, Dewey entendia que os julgamentos de valores de uma sociedade eram analisados de uma forma instrumental, de geração por geração, com o intuito de aumentar a qualidade futura de uma determinada experiência. Era, sobretudo, um processo histórico, onde pessoas adquiriam na experiência humana do passado arcabouços para decisões de julgamentos de valor normativo sobre o futuro, este sendo um processo instrumental de obtenção de resultados em sua natureza. Sua efetividade era verificada no futuro, em uma comparação do momento com o passado.

Ainda de acordo com Hill e Owen (1984), Ayres discutia o valor instrumental em um nível filosófico de generalização operacional, diferente do nível histórico discutido por Dewey. Sua principal preocupação era formular um padrão de valor normativo a partir do qual os valores poderiam ser derivados e em relação ao qual poderia ser feito juízos de valor (HILL E OWEN, 1984, p583). Sendo assim, a maior contribuição de Ayres para a teoria instrumental/normativa do valor foi seus desenvolvimentos acerca do processo tecnológico/instrumental da vida. Aqui, o compromisso de Ayres com a vida e seu processo é destacado – segundo os autores, Ayres acreditava que o processo da vida era razoável e merecido de ser vivido, um processo sobretudo instrumental ou tecnológico em sua essência. Sendo Ayres um estudioso dos escritos de Veblen, esta interpretação do processo tecnológico/instrumental da vida pode ser relacionada a dicotomia entre forças criativas e destrutivas da personalidade humanas, defendida por Veblen em seus estudos (HILL E OWEN, 1984, p585). Hill e Owen (1984) acreditavam que a visão de Ayres sobre o processo da vida representava os aspectos positivos desta teoria de Veblen – seria então no processo criativo da vida onde encontraríamos valor.

Ao longo de seus escritos, o entendimento para Ayres de valor como continuidade é recorrente (AYRES, 1996; HILL E OWEN, 1984; RUTHERFORD, 1981). Todavia, para além deste ponto, Hill e Owen (1984) enfatizam que Ayres também entendia que valor era encontrado nas mudanças progressivas na sociedade ao longo do tempo. As mudanças que fizeram com que seres humanos evoluíssem de pequenos animais para aquilo que encontramos hoje na sociedade

deveriam representar valor; neste sentido, isto seria mais um argumento confirmatório na teoria em que a essência do valor é oriunda do processo instrumental tecnológico de vida (HILL E OWEN, 1984, p585).

Para facilitar sua associação e utilização, Hill e Owen (1984) por final estipulam métodos de avaliação de valores normativos, descritos no trecho a seguir.

The normative value summarized and symbolized by the technological life process can be analysed and evaluated in three dimensions: depth, breadth, and length. The depth of normative value represents the quality of the creative and integrative consequences of the action. The breadth of normative value presents the number of people who benefit from the creative and integrative consequences. The length of normative value represents the duration of the creative and integrative consequences. The process of applying the concept of normative value to instrumental decisions could be facilitated through the use of these dimensions of value as analytical tools. (HILL E OWEN, 1984, p586).

O trecho explicita a intensão instrumental de análise de valor normativo, proporcionando ferramentas para a aplicação de medidas em decisões instrumentais. Suas intenções são a de melhor avaliação dos resultados ao longo do processo, o que resultaria em um aumento da qualidade de uma experiência no futuro, estando assim de acordo com aquilo que preconiza Dewey em sua visão instrumental de valor.

Outra visão para além da apresentada por Hill e Owen pode ser encontrada por M. Rutherford. Segundo o autor, para se entender como a teoria do valor de Ayres funciona, faz-se necessário entender o funcionamento de seu instrumentalismo (RUTHERFORD, 1981, p658).

Primeiramente, segundo Rutherford (1981), Ayres rejeita a ideia clássica de valor como objetivo fim da economia - a ideia de “meios” e “fins” por si só seria objeto de recusa de Ayres, pelo fato de a vida ser um processo contínuo por essência. O valor para Ayres era centrado na continuidade da experiência humana e experiência humana era por si só o processo da vida. Este processo seria segundo Ayres instrumental, de caráter tecnológico: um processo “contínuo, cumulativo e de desenvolvimento” (AYRES, 1961, apud RUTHERFORD et al., 1981). Ou seja, para Ayres, o centro de geração de valor humano é o processo instrumental da vida (RUTHERFORD, 1981, p658).

O fundamento deste de geração de valor está na tecnologia. Segundo Ayres (1996), tecnologia é o conjunto de atividades que envolvem a utilização de

ferramentas (“tools”) e, conseqüentemente, habilidades (“skills”). É pela utilização de ferramentas que o ser humano desenvolve habilidades, em um processo de contínuo aprendizado e trabalho. Habilidades são mescladas com ferramentas já existentes criando-se novas ferramentas, o que por consequência aumenta a gama de possibilidades de mesclas acarretando um processo progressista por natureza. É, por conseguinte, neste processo, de essencial inovadora, que se encontra valor (RUTHERFORD, 1981, p658-659).

Além disso, o processo instrumental/tecnológico da vida é sobretudo um processo cultural humano: tanto ferramentas quanto habilidades obtêm continuidade na absorção de seu desenvolvimento pela cultura, sendo de caráter impessoal. Vale ressaltar que esta propriedade faz com que a tecnologia se desenvolva e prossiga em crescimento, independente da genialidade de um indivíduo (AYRES, 1962, apud RUTHERFORD et al., 1981). Este processo têm como resultado “tudo que o homem já fez, pensou e sentiu” (AYRES, 1962, apud RUTHERFORD et al., 1981); sua continuidade é desta forma a fonte verdadeira de toda a conquista humana (RUTHERFORD, 1981, p658-659).

Segundo Rutherford (1981), questões de valor eram instrumentais por natureza. Aquilo que contém valor é aquilo que é benéfico ao processo tecnológico. Como já mencionado, Hill e Owen (1984) descrevem esta medição por Ayres em profundidade, largura e comprimento.

Em contrapartida a este processo de criação de valor, Rutherford (1984) recorda que existe segundo a interpretação de Ayres o chamado “cerimonialismo”, que consistiria no conjunto de mitos, crenças, costumes e outros aspectos da cultura que competem com o aspecto tecnológico instrumental de valor. O aspecto cerimonialista cultural seria contrário às investidas do processo tecnológico instrumental, agindo como um retardador das conquistas atingidas pela tecnologia. Isto seria oriundo das ligações institucionais sociais da época (RUTHERFORD, 1981, p660). Neste sentido, Ayres comumente definia instituições como “segmentos de comportamento social predominantemente de caráter cerimonial” (AYRES, 1962, apud RUTHERFORD et al., 1981). As instituições são dotadas de valor, mas estes são caracterizados como falsos – apenas valores resultantes de processos instrumentais tem conseqüentemente um caráter verdadeiro. Os valores de instituições podem se modificar, todavia apenas sobre pressão do processo

tecnológico instrumental. A problemática do valor é por conseguinte a identificação e distinção dos valores verdadeiros diante dos falsos (RUTHERFORD, 1981, p660).

De acordo com Ayres (1996), este processo cerimonialista se apresenta de cinco principais formas, como apresentado no trecho a seguir;

This type or mode of behavior manifests itself in various ways, particularly in these five ways. For one thing, the social stratification which seems to occur in all societies is such a manifestation. Second, this stratification (or hierarchy, or status system) is defined and sustained by a system of conventions which delimit and prescribe the behavior that is proper to persons of every social rank. These are commonly known as mores. Third, both status and mores are further sustained by an ideology, or system of tribal beliefs, which purport to explain the magic potency which distinguishes people of higher ranks and the awful consequences which are believed to follow infractions of the mores. Fourth, the members of every community are emotionally conditioned to acceptance of the beliefs in question, observance of the mores, and respect for lines of caste and status by systems of indoctrination which begin in infancy. And fifth, all these patterns of behavior are defined, codified, and intensified in mystic rites and ceremonies. It is by virtue of sacred ceremonies that persons of various ranks have imparted to the them the mysterious powers the "cerimonial adequacy," as Veblen called it of their particular ranks, the ceremonies define the mores; they reenact what people believe to be their tribal history; and they are above all solemn, aweinspiring, fearinducing, and generally emotionconditioning. (AYRES, 1996,p. 9)

Para Ayres (1996), os cinco principais modos de manifestação dos “freios” cerimonialistas encontrados nas sociedades são: a estratificação social (1); os costumes, conjuntos de convenções onde cada classe baseia seus comportamentos (2); ideologias, oriundas ainda de crenças tribais (3); Doutrinação geracional (4) e adequação cerimonial de argumentos (5).

Especificamente sobre a adequação cerimonial de argumentos, Ayres (1996) o descreve como o processo onde por meio de ritos, mitos e argumentação os indivíduos que o utilizam conseguem transformar e criar os costumes de um determinado grupo. O resultado de uma adequação cerimonial são fatos que se adequam com teorias, não teorias que se adequam com fatos. Na interpretação crítica de Ayres, um exemplo são os princípios da ortodoxa, como o princípio da natureza hedonista do ser humano e o princípio em que define a simetria das informações perante os agentes econômicos. Para o autor, nenhum dos pontos condizem com a realidade (AYRES, 1996,p. 9).

Todos estes agentes supracitados são aqueles contrários as mudanças propostas pela tecnologia. Segundo Ayres (1996), tratam-se de valores reativos – o

sistema cerimonialista é por sua natureza ligado ao passado. São os embates entre os valores tecnológicos e aqueles dados pelos costumes que originam a chamada dicotomia instrumentalista – cerimonialista.

3 CRITICAS E CONTRAPONTO

O pioneirismo de suas ideias e agregação de conceitos de Ayres tornou seus textos reconhecidos dentre economistas. Todavia, o reconhecimento trouxe críticas e questionamentos as suas proposições. Nesta seção serão apresentados estes contrapontos.

Rutherford (1981) tece algumas críticas com relação ao instrumentalismo de Ayres ao longo de seus escritos. Uma dos pontos levantados pelo autor é com relação às possíveis adversidades e consequências das modificações e desenvolvimentos tecnológicos. A possibilidade da humanidade não saber lidar com as consequências de seu próprio desenvolvimento, entretanto, é tratada e refutada por Ayres, segundo Rutherford. No pensamento de Ayres, uma sociedade que consiga alcançar tamanho desenvolvimento tecnológico será por natureza uma sociedade provida de racionalidade. Em outras palavras, Ayres defende que o aumento do progresso tecnológico traria em conjunto um aumento da racionalidade geral da sociedade, onde um pensamento mais orientado cientificamente supriria automaticamente costumes cerimonialistas. Lembremos, Ayres acreditava que guerras e conflitos estavam ligados com aspectos cerimonialistas da sociedade (RUTHERFORD, 1981, p663). Esta conexão de melhoras tecnológicas com hábitos de pensamento, segundo Rutherford, é um dos fragmentos de ideais Veblenianos que Ayres passou a carregar (RUTHERFORD, 1981, p666-667).

Segundo Rutherford (1981), o pensamento que Ayres possui sobre este tema acaba por ser baseado em um determinismo fundado primordialmente em uma visão de otimismo sobre as relações futuras de tecnologia. Em uma suposição, se removido este elemento determinístico, Rutherford (1981) argumenta que Ayres não deixou explícito como a tecnologia serviria como conexão para o progresso humano. Dewey, neste sentido, acreditava que a “ciência é impessoal; um método e um corpo de conhecimento. Deve o seu funcionamento e as suas consequências para os seres humanos que a utilizam” (DEWEY, 1931, apud RUTHERFORD et al., 1981). É implícito, neste caso, que Dewey possuía consciência da necessidade de uma

decisão em favor do uso da tecnologia no progresso humano (RUTHERFORD, 1981, p667). Este mesmo argumento é compartilhado por Sheehan e Tilman (1992). Após uma breve explanação sobre a filosofia de valoração instrumental de Dewey, os autores não estão seguros de que Ayres exemplifica satisfatoriamente como ou porque a tecnologia ou o processo tecnológico pode ser entendido como o “locus” do valor humano (SHEEHAN E TILMAN, 1992, p199).

Rutherford (1981) ainda mostra ressalvas às ideias de Ayres relativas ao conhecimento científico e realizações artísticas. Com relação ao conhecimento científico, o que é questionado é o seu papel no processo tecnológico/instrumental de uso de ferramentas, de este ser a parte pensante do processo. De acordo com Rutherford (1981), isto implicaria que apenas aqueles cientistas aos quais seus trabalhos estariam ligados “a verdade” seriam os que trariam benefícios a sociedade. Ou seja, somente aqueles experimentos ligados a renovação das ferramentas instrumentais do processo seriam valorizadas. Rutherford (1981) argumenta que a ciência como conhecemos se baseia ainda em testes de falseabilidade, assim como curiosidade, e que estas não estariam no escopo de sucesso operacional que o instrumentalismo requisita.

Da mesma forma, o aspecto artístico da sociedade, se aplicado aos mesmos princípios do processo contínuo tecnológico de Ayres, é aberto a indagações com relação ao seu funcionamento. Rutherford (1981) é crítico de Ayres tanto no ponto em que sua teoria não leva em consideração a genialidade individual de um artista, que pode ser capaz de movimentar emoções a uma terceira parte sem necessariamente seguir os preceitos discutidos por Ayres, quanto na comparação que Ayres fazia das artes com a tecnologia. Ayres, neste sentido, defende que o desenvolvimento das artes é um processo técnico em sua essência, similar ao desenvolvimento de qualquer outra tecnologia, baseado em assimilação de ferramentas por habilidades que causariam um automático progresso. (RUTHERFORD, 1981, p668). A desconfiança de Rutherford pode ser observada quando afirma que, sendo o objetivo da arte suscitar emoção, possuindo caráter pessoal e subjetivo, isto seria então “bastante diferente do processo de avaliar a eficiência relativa de tratores” (RUTHERFORD, 1981, p668).

Neste sentido, Rutherford (1981) questiona se o progresso identificado pelo instrumentalismo de Ayres é o melhor guia para o desenvolvimento da sociedade, haja vista as posições que o progresso científico e artístico recebem e são vistos em

sua teoria instrumental. Rutherford (1981) argumenta que mesmo sendo realizado aquilo que Ayres defendia para ambos os campos, novamente não seria possível preconizar que a tecnologia serviria como motor ao desenvolvimento sem imputar um otimismo determinístico ao processo como o todo.

Outra crítica aos benefícios propostos por Ayres relativos à tecnologia é a ideia de “encapsulamento cerimonial”. Anteriormente, Dewey já alertava a todos os cientistas sociais sobre os problemas do encapsulamento e absolutização de valor que poderiam acontecer na sociedade no passado, em seus escritos (SHEEHAN E TILMAN, 1992, p200). De acordo com Horner (1989), existe a possibilidade de que as modificações positivas da sociedade serem apenas aceitas e postas em práticas na medida em que não modifiquem drasticamente as instituições cerimonialistas que dominam o comportamento dos indivíduos em si. A este conceito é denominado encapsulamento cerimonial, onde o poder de modificação e solucionador de problemas da sociedade pela tecnologia é restringido pela ação dos costumes e crenças já existentes no corpo social da região.

O economista F Gregory Hayden utiliza-se do conceito de encapsulamento na agricultura moderna para criticar outro membro da escola institucionalista moderna, Thomas R DeGregori, conhecido seguidor das ideias de Ayres. Segundo Hayden, o moderno agronegócio restringe os efeitos da tecnologia pelo fato que empresas capitalistas são naturalmente voltadas ao aumento constante e consistente de ganhos, adeptas de todas as práticas que auxiliem a obtenção de resultados positivos de suas corporações. Lucros, defende Hayden, são primordialmente seus objetivos, em favor de avanços nutritivos e melhoras a qualidade de vida geral. (HORNER, 1989,p582). Ainda de acordo com Hayden:

This same technostructure... destroys cities by overloading them with displaced persons, destroys rural communities and their social services... destroys topsoil and water suppliers with chemicals, destroys soil humus and porosity... causes worker sterility in fertilizer factories, creates health problems for the farmers... uses fertilizers which prevent plants from absorbing nutrients... fill the food chain with carcinogenic pesticides... diverts millions of acres each year in Third World countries to nonfood production... process the nutrients out of what food is produced with the profit being greater, the greater the amount of processing; and fills the processed product with carcinogenic preservatives, refined sugars, salt, and artificial colors. (HAYDEN, 1980, apud HORNER et al., 1989)

Sobretudo, Horner (1989) defende que a intenção de Hayden é argumentar com o intuito de que todos os malefícios e benefícios do uso tecnológico sejam

pesados a fim de a decisão relativos à sua utilização seja clara quantos aos seus ganhos para a sociedade. O uso da tecnologia continua a ser benéfico, apenas sua aplicação necessita de regulação quanto a seus efeitos nocivos. Se a tecnologia foi responsável por meio da eletricidade pelo fim do risco de incêndios domésticos devido ao uso de fontes ligadas diretamente ao fogo, sua existência pode trazer consequências quase que indefinidas se qualquer mal uso de sua geração por usinas nucleares vir a acontecer (HORNER, 1989, p582). Horner (1989) exemplifica com o intuito de demonstrar que maiores benefícios podem trazer consigo consequências de igual tamanho e por decorrência necessitam atenção.

Por fim, em leve defesa a Ayres haja vista as críticas já apresentadas sobre a aplicabilidade da tecnologia em seu trabalho, Mayhew (1981) apresenta uma leitura relativista com relação as proposições básicas de ayresianas de progresso tecnológico. Segundo a autora, é falso o dilema de que se deve escolher entre a crença devotada na tecnologia, sendo assim um “bom ayresiano”, em favor da abdicação total de qualquer crítica a tecnologia, abstendo-se do uso do que a autora chama de “profecias do juízo final” sobre o uso tecnológico (MAYHEW, 1981, p513). Segundo Mayhew (1981), estes preceitos apenas seriam verdadeiros se Ayres deixasse claro que o progresso tecnológico seria *sempre* meio de obtenção de progresso humano e se as atividades cerimonialistas fossem os *únicos* limites encontrados para o avanço da humanidade. Segundo Mayhew (1981), este não foi o caso – o fato de Ayres enfatizar que o cerimonialismo é um inibidor de progresso humano tecnológico não implica que este seja o único, assim como o argumento de que existe um processo de criação de valor pelo processo da vida tecnológico/instrumental não define que os resultados serão sempre satisfatórios ou, o que é enfatizado pela autora, que este processo poderá ser aplicado de forma não limitada.

Para melhor apresentar seu ponto, Mayhew (1981) insiste que exista um desalinhamento com relação às definições das palavras usadas por Ayres, que por consequência desvirtuam alguns dos significados de suas declarações, começando pelas definições de tecnologia e instituições. Por na maioria das vezes enfatizar a importância da tecnologia no processo de criação de valor, pode-se entender que Ayres renegava a importância das instituições no processo de desenvolvimento econômico, o que ele não o faz. Segundo Mayhew (1981), Ayres acreditava que ao longo da humanidade, o processo instrumental/tecnológico seria a forma que a sociedade se utilizou ao longo de sua história para identificar a diferença do bem e

do mal. Esta, portanto, seria a chave para seu progresso; o processo instrumental/tecnológico seria então a chave para a identificação do valor na sociedade. Por ser “cross-cultural”, aplicável em várias esferas culturais, este valor inclusive poderia ser considerado o “true value”, valor real. As instituições neste contexto são de fato mencionadas como inibidoras do processo de obtenção de valor instrumental/ tecnológico de Ayres, mas da mesma forma como são também mencionadas como responsáveis por exercer outros papéis fundamentais na sociedade, tanto em caráter complementar quanto na necessidade latente e crucial dos arranjos sociais encontrados na atualidade. Na tentativa de evitar a interpretação para as instituições somente de seu lado negativo, de entrave aos avanços da tecnologia, Mayhew chama de “valor cerimonial” aquilo contrário a tecnologia e “valor instrumental” aquilo oriundo do processo tecnológico/instrumental de obtenção do valor real (MAYHEW, 1981, p515)

Seguindo esta linha de raciocínio mencionado anteriormente, Mayhew (1981) argumenta que dentro da teoria exposta por Ayres o que se deve discutir é primordialmente o processo de valoração, em contraponto a uma discussão entre tecnologia e instituições. Ou seja, o foco da discussão é o processo de valoração instrumental, o uso de qualquer ferramenta em específico dentro deste processo e principalmente as consequências deste processo, e não processos apenas ligados a artefatos tecnológicos e seus resultados. O cerimonialismo neste aspecto é a falha para a interpretação das consequências deste processo. Desta forma, com esta correção para a atualidade das interpretações dos termos de Ayres, Mayhew (1981) defende que a teoria de valor instrumental é capaz de prover meios com os quais a sociedade é capaz de avaliar ambos os aspectos benéficos e maléficos de um desenvolvimento tecnológico. Assim, é possível aprender que avanços responsáveis pela construção de uma barragem podem trazer consequências não desejáveis para a sociedade ou que a geração barata de energia elétrica pode trazer consequências graves a seus habitantes, corrigindo-se uma das interpretações críticas da interpretação do trabalho de Ayres.

4 CRÍTICA DE AYRES AO MAINSTREAM ECONÔMICO NEOCLÁSSICO

Os escritos de Ayres sobre o desenvolvimento econômico por meio do instrumentalismo tecnológico foi muito em parte originado em virtude de seu

descontentamento com os resultados das teorias neoclássicas de sua época, como descrito no prefácio de sua obra “The theory of Economic Progress” (AYES, 1996, p11). Esta seção é dedicada a algumas das críticas formuladas por Ayres para este assunto.

Ayres busca na definição da natureza da economia os principais erros da corrente mainstream de seu tempo. Como o seguinte trecho exemplifica, seria nesta definição o principal erro ao qual se deriva de forma encadeada os conceitos ortodoxos pelo qual ele objetiva:

What is it that we object to in orthodox price theory? A poll of institutionalists would, I fear, produce a bewildering variety of answers to such a question. Indeed, I myself would answer the question differently today from the way I tried to answer it in the opening section of this book, and that is one of the principle reasons for the present Foreword. As the years have passed during which I have debated these matters with successive generations of students I have become convinced that the decisive issue is not that of price, or capital, or value, but that of our conception of the nature of the economy itself. (...) But what is this "economy?" On one thing, at least, all economists agree. It is a system of interrelated activities having to do with "the ordinary business of living."
(AYRES, 1996,p. 11)

Em uma digressão da teoria neoclássica de seu tempo, Ayres encontra o primeiro equívoco conceitual no mercado, instituição central desta teoria. O problema estaria no fato do mercado ser definido de forma axiomática como o ambiente em que as trocas econômicas são geradas. Para Ayres, a definição de Marshall que a economia é o estudo dos assuntos ordinários da vida (MARSHALL, 1890, p.6) não é necessariamente o problema; a questão residiria no fato de a escolha do mercado não ter sido devidamente questionada ao longo do tempo. (AYRES, 1996, p.11).

Ayres aponta o caráter cerimonialista da sociedade como o motivo da importância do mercado na economia ter passado incólume durante o tempo. De acordo com Ayres (1996), ao longo dos anos o ato de comprar e vender, natureza de um mercado, foi ganhando relevância na economia. Era no mercado a forma que a vida comum se tornou relevante, principalmente em termos individuais - foi, desde as feiras medievais, uma importante instituição modificadora da sociedade. Ao passo que existia um estrato social que mais se beneficiou com suas práticas: mercadores, que funcionam como intermediadores do processo. Desta forma, mercadores, que progressivamente tinham suas riquezas ampliadas e por consequência tinham seus

papeis na sociedade naturalmente enaltecidos, tornavam o mercado sinônimo de economia (AYRES, 1996, p11). Ayres (1996) conclui que ao passo de possuir valores instrumentais que expliquem sua relevância, o mercado é uma instituição movida a costumes, ideologias e doutrinações geracionais – em outras palavras, uma instituição cerimonialista (AYRES, 1996, p14).

Segundo o Ayres (1996), por meio de sua grande tradição, no mercado laços ficam amarrados ao passado que bloqueiam a visão de avanços simples. Ayres comenta que era difícil para um economista fazer proposições econômicas contra o mercado porque, novamente, o mercado em si era a economia (AYRES, 1996, p14).

Um segundo ponto em que Ayres critica a teoria neoclássica é a sua definição axiomática do comportamento humano e suas premissas estipuladas nestes comportamentos. Segundo Ayres (1996), os princípios encontrados na teoria neoclássica da natureza humana remontam a aqueles definidos por pensadores do século XVIII, de caráter hedonista. Ayres define brevemente Hedonismo como a teoria onde na sua vida moral o ser humano é guiado pelos seus “sentidos de prazer e dor, felicidade e infelicidade, utilidade e inutilidade” (AYRES, 1996, p54). Estes estímulos eram vistos na época como respostas “naturais” a estímulos sociais, assim como era natural para um indivíduo responder a estímulos sensoriais de seu corpo.

Para Ayres (1996), seguir os preceitos hedonistas baseados em sentidos morais era natural para uma sociedade do século XVIII onde a definição previamente decidida divina perdia forças como no mundo iluminista. Em última instância, contudo, Ayres (1996) acreditava que esta linha de pensamento levava a um senso de orientação a busca pela felicidade como destino natural dos seres humanos. Para Ayres (1996), é neste ponto que ocorre um erro por parte dos escritos em que se baseiam as teorias mainstream. A busca pela felicidade não pode ser vista como um axioma da natureza humana, individual; é sim um sinônimo ou projeção da felicidade encontrada no mundo real. Desta forma, a felicidade não é definida por fatores individuais, mas sim pelos costumes de cada grupo de seres humanos, variando e se transformando de acordo com as mudanças destes grupos (AYRES, 1996, p54). Presumir-se uma natureza hedonista para os seres humanos é uma confusão no sentido que a felicidade para os indivíduos é definida de acordo com o meio social a qual este se situa, e não um evento natural por si só (AYRES, 1996, p54).

Para corroborar estas ideias, muitos economistas institucionalistas incluíram teorias behavioristas em seus escritos. Para Ayres (1951), o behaviorismo (e suas implicações sobre a natureza social humana) foi primeiramente utilizado pelos institucionalistas para contra argumentar a neoclássica e suas premissas comportamentais que não eram condizentes com a realidade. Ayres (1951) é enfático em ressaltar que embora o behaviorismo psicológico possui varias vertentes, os institucionalistas tendem a se alinhar a aquelas teorias que priorizam o entendimento da sociedade como influenciadora do comportamento individual.

Ainda em se tratando dos estudos da natureza humana, Ayres se utilizou em grande medida dos estudos comportamentais humanos disponíveis e que havia conhecimento para encontrar outros pontos em que a teoria clássica falha em seus princípios. Para o Ayres (1951), um conceito equivocado que pode ser identificado na teoria clássica é o seu “mental atomism”. O conjunto de atividades individuais não é aquilo que define um conjunto social de comportamento pela razão de que seres humanos são fenômenos sociais – são estes fenômenos que definem os comportamentos individuais, e não o contrário (AYRES 1951, p. 49).

Exposto as críticas com relação ao mercado e ao sentido de natureza humana para a teoria neoclássica, encontramos na definição de valor a terceira crítica de Ayres ao mainstream econômico de sua época.

Primeiramente, Ayres (1996) defende que a ligação do conceito de ser humano hedonista com a teoria neoclássica foi articulado para proporcionar a teoria neoclássica uma robustez sempre questionada quando em relação a suas imprecisões teóricas. Dado que o ser humano hedonista tem como objetivo alcançar a plenitude de sua felicidade, Ayres (1996) defende que os escritos neoclássicos foram moldados como uma forma de responder a esta necessidade de felicidade. Isto se daria primeiramente na definição de outro axioma, em que o consumo seja a representatividade de todo aquilo que um indivíduo produz e deseja economicamente. O consumo desta forma seria uma representatividade daquilo que indivíduos objetivam, sendo a demanda o conjunto e interpretação do ato de consumir de uma sociedade. Dado que a demanda destes indivíduos impactam na escassez dos recursos, Ayres (1996) conclui que é no comércio do mainstream neoclássico que os indivíduos hedonistas encontram sua satisfação.

Todavia, o próximo ponto para se chegar a problemática de valor de Ayres é relacionar valor ao consumo. Na interpretação de Ayres (1996), consumo é

entendido por aquilo que representa as necessidades individuais e pessoais do indivíduo – é, por conseguinte, visto não em sua forma literal, mais sim em todo ato pelo qual um indivíduo aumenta sua saciedade, seja ela ingerindo alimentos ou dormindo em segurança. Logo, o consumo neste cenário apresentado é, sobretudo, um consumo de valor, independente da forma em que este tenha sido obtido (AYRES 1996, p. 49-58).

A teoria dos preços de neoclássica então figuraria como um meio pelo qual as pessoas conseguiriam atingir seus objetivos; isto é, a teoria seria apta a providenciar instrumentos sólidos com que levem o indivíduo a obtenção e, mais do que isto, ao aumento de sua saciedade. Ou seja, é por meio dela que podemos identificar os nuances do valor (AYRES 1996, p. 49-58).

Da problemática do valor criticada por Ayres, o primeiro ponto a se destacar engloba as definições de utilidade e produtividade. Na interpretação de Ayres, são estas duas variáveis que estão em lados opostos na teoria de valor neoclássica. Ayres (1996), explana que de acordo com as teorias neoclássicas, incrementos marginais de uma variável equivaleriam consequentemente ao aumento da outra, o que no final seria um dos mecanismos de aumento de valor. O ponto contrário nesta interpretação seria a intangibilidade de ambas as variáveis, assim como o debate contra esta suposição, axiomática desde sua preposição. Por possuírem um caráter subjetivo, a identificação destes pontos é de difícil mensuração e, mais do que isso, suas premissas deveriam ser questionadas. Por exemplo, na questão da utilidade, se o valor de uma mercadoria é interpretado pelo seu preço (ou seja, se sua utilidade, seu valor de uso, pode ser interpretada como seu valor de troca), como de fato se assegurar que um indivíduo está consumindo todo este valor para aumentar sua satisfação total? Na produtividade, Ayres ainda critica a sua origem, ainda com os fisiocratas, onde o termo foi cunhado como forma de enaltecer a agricultura diante da indústria e do comércio (AYRES 1996, p. 49-58).

Além deste primeiro ponto sobre utilidade e produtividade, outro problema encontrado por Ayres é justamente que os instrumentos de identificação de valor da teoria clássica não condizem com aquilo que deveria ser a busca de valor dos economistas. Segundo Ayres (1996), um exemplo disto é a definição de valor que alguns economistas se utilizam, sendo o valor de uma mercadoria a relação de seu preço com o preço de outra mercadoria.

If "value" means "price ratio," why is it called "value"? If "demand" means "purchase," why is it called "demand"? Each of these words is derived from common speech in which both have very extensive connotations of a highly ethical character. Many students of economics have labored mightily to purge their lucubrations of "ethical implications" of this character. With regard to "demand," for example, it is now standard practice for textbooks to warn their readers that in speaking of the "demand" for unhealthy, vicious, and even "anti-social" goods and services economists have no thought of endorsing the human attitudes at issue; what they have reference to is only the actuality of purchase of these things and services. But in that case why have they used such words as "demand" with their indissociable reference to appetites and attitudes? If demand means only purchase, the obvious way to purge economics of untoward ethical implications would be by simply saying "purchase." If that is what economists want and mean, why do they do otherwise?

If they did this, there would be no theory of value. (AYRES, 1996,p. 57)

Em suma, ao se tratar de valor, Ayres (1996) enfatiza que a economia como é formada pelos mainstream neoclássico é uma economia de preços, e não uma economia que busca ou estuda todas os nuances e complexidades do valor, mesmo em teorias criadas especialmente para este tema. Agora, se levarmos em consideração que Ayres entendia que a economia tinha por objetivo o estudo do valor, seus mecanismos de funcionamento e comportamento, entendemos o porquê de este ponto receber tamanha crítica ao longo de seus estudos. Para Ayres, o estudo do valor é o objetivo dos estudos de economia e, desta forma, uma má interpretação neste ponto assume contornos de crucial importância. Sua teoria instrumental-tecnológica do valor muito se originou como resposta para aquilo encontrado na economia clássica de seus estudos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias propostas por Ayres são reconhecidas atualmente como importantes marcos no desenvolvimento da escola institucional da economia. Sendo um autor otimista com relação ao uso da tecnologia, seus escritos foram relevantes ao ressaltar a importância que ferramentas e habilidades ganhariam com o passar dos anos. Mesmo tendo escrito seus textos na metade do século XX, sua extensa análise em torno da tecnologia torna sua obra de caráter especialmente atual.

Por outro lado, o mesmo otimismo que o levou a estudar a fundo a tecnologia também o fez negligenciar aspectos importantes sobre o tema. Como comentado na seção de contrapontos, existe a possibilidade de a tecnologia por si não ser livre de ações das instituições da sociedade e não carregar assim a solução

para os problemas da sociedade. De linhas gerais, o direcionamento por parte dos indivíduos (e os costumes da sociedade que os moldam) pode exercer uma influência não desejada na geração de valor proposta por Ayres.

Para finalizar, seus escritos contra o mainstream demonstra a tendência do pensamento crítico e a intenção de adição de sugestões para aquilo vigente em sua época. De modo geral, seu exercício sobre a dicotomia cerimonial-instrumentalista do valor ficará marcado como uma das principais opções de interpretação dos fatos econômicos propostas pelos economistas institucionalistas.

6 REFERÊNCIAS

AYRES, C.E. **The Theory of Economic Progress**. 4 ed. Kansas City: The Association For Evolutionary Economics, 1996. E-book. Disponível em: <http://goo.gl/Y8KzBY> Acesso em: 13/04/2016.

AYRES, C.E. The Co-Ordinates of Institutionalism. **The American Economic Review**, Vol. 41, No. 2, Papers and Proceedings of the Sixty-third Annual Meeting of the American Economic Association, pp. 47-55, Maio, 1951.

BUSH, C.E. 'Radical Individualism' vs. Institutionalism, I - The Division of Institutionalists into 'Humanists' and Behaviorists. **American Journal of Economics & Sociology** Vol. 40, No. 2, p. 139-147, Abril, 1981.

HILL, L.E.; OWEN, D.W. The Instrumental philosophy of economic History and the Institutional Theory of Normative Value. **Journal of Economic Issues**, , Vol.18, No. 2, p. 581-587, Junho, 1984.

HORNER, J. The Role of Technology: An Institutional Debate. **Journal of Economic Issues**, Vol.23, No. 2, p. 579-586, Junho, 1989.

IN MEMORIAM: Clarence Edwin Ayres. **Journal of Economic Issues**, Austin, Vol. 11, No. 3, p: 475-483, Setembro, 1977.

MARSHALL, A. **Principles of Economics: an introductory volume**. Rod Hay's Archive for the History of Economic Thought, McMaster University, Canada, 1890. E-book. Disponível em: <https://goo.gl/BFtjSq> Acesso em: 19/10/2016.

MAYHEW, A. Ayresian Technology, Technological Reasoning, and Doomsday. **Journal of Economic Issues**, Vol.15, No. 2, p. 513-520, Junho, 1981.

RUTHERFORD, M. Clarence Ayres and the Instrumental Theory of Value. **Journal of Economic Issues**, Vol.15, No. 3, p. 657-673, Setembro, 1981.

RUTHERFORD, M. Institutional Economics: Then and Now. **The Journal of Economic Perspectives**, Vol. 15, No. 3, pp. 173-194, Verão, 2001.

SHEEHAN, M.F; TILMAN, R. A Clarification of the Concept of “Instrumental Valuation” in Instrumental Economics. **Journal of Economic Issues**, Vol.26, No. 1, p. 197-208, Março, 1992.